Dia 25 — Santa Maria Madalena de Pazzi, Carmelita da Regular Observância

Santa Maria Madalena, da ilustre casa de Pazzi no ducado da Toscana, tão recomendável por sua vida religiosa como por sua santidade, foi filha de Camilo de Geri de Pazzi e de Maria Lourença de Buondelmonti. Nasceu em Florença no dia 2 de abril do ano de 1566 e recebeu no batismo o nome de Catarina. Muito cedo se conheceu que Deus a havia prevenido com sua particular bênção desde o berço. Foi menina, mas nunca o pareceu; antecipou-se a razão à idade e a graça, por assim dizer, antecipou-se à razão. Isenta das ordinárias inclinações das crianças, para ela não havia outro entretenimento que a oração. Se a queriam divertir, era mister levá-la à igreja ou ler-lhe a vida de algum santo. Cansava a sua aia tanta devoção, mas ao mesmo tempo a admirava, como a todos os seus parentes.

Deveu ao céu um natural apacível, um gênio dócil, mas acompanhado de uma seriedade e de uma reserva tão grata e tão atrativa que sem liberdade a amavam e a veneravam quantos a conheciam. Parecia haver nascido com um ardente amor a Jesus Cristo e com uma ternura singular à santíssima Virgem, segundo se fazia sensível a todos a devoção que professava ao Filho e à Mãe. Favoreceu-a Deus com o dom de oração antes de saber ler nem ter idade para aprendê-lo; passava nela horas inteiras e, perguntada que fazia no oratório, respondia: «Peço a meu bom Deus que me ensine o que devo fazer para agradar-lhe.»

Entre os sete e oito anos de sua idade começou a confessá-la o padre Rosi, da Companhia de Jesus, que foi depois de toda a sua confiança, e desde então a encontrou já destra no exercício da oração. Neste comércio espiritual que tinha com seu Deus aprendeu sem dúvida as pequenas indústrias de que se valia para mortificar-se, tão imperceptíveis que escapavam a toda a atenção de sua aia. Da sobriedade que começou a praticar passou muito cedo à abstinência: era mister fazer-lhe observações para que interrompesse os jejuns. Nem sua mãe nem seu diretor tinham outra coisa que fazer em seu governo senão moderar suas penitências.

Nada afligia tanto a santa menina como o não se ver admitida à sagrada mesa de Jesus Cristo, por causa de sua pouca idade, sem poder dissimular a santa inveja com que olhava as outras que por seus anos gozavam este privilégio. Atendendo o confessor a suas ânsias, a sua virtude e a sua

razão despejada, determinou-se finalmente a consolá-la e aos dez anos lhe permitiu a sagrada comunhão. Conseguida esta graça, julgou que não havia no mundo dita comparável à sua e, não sabendo como agradecê-la, resolveu consagrar a Deus sua virgindade, como o fez com voto, e desde então se considerou como esposa sua.

Esta nova prerrogativa lhe inspirou novos desejos de padecer. Para fazer-se mais agradável a seu divino Esposo, começou desde os doze anos de sua idade a dormir sobre a nua terra e a macerar seu delicado corpo com todo gênero de penitências. A vista de Cristo crucificado lhe inspirava cada dia alguma nova invenção para mortificar-se. Além do cilício que continuamente trazia, fez uma coroa de espinhos muito pontiagudos, que apertou fortemente à cabeça, e passou toda uma noite neste cruel tormento. Era muito engenhoso o amor de Deus nesta terna donzelinha para inventar indústrias com que mortificar seus sentidos, encontrando em todas as partes matéria para algum sacrifício.

Por este tempo o grão-duque da Toscana fez governador da cidade de Cortona a Camilo, pai da santa menina, por cuja ocasião, por conselho do padre Blanca, reitor do colégio dos jesuítas, pediu e obteve esta o consentimento de seus pais para ficar como educanda no mosteiro de São João Batista de Florença. Cresceu seu fervor com o retiro; e a comodidade que tinha de adorar a todas as horas a seu celestial Esposo no santíssimo Sacramento fazia-lhe chamar ao convento o paraíso terrenal. Por seu gosto teria passado todas as noites no coro, de onde nunca a arrancavam sem fazer-lhe muita violência, porque tinha todas as suas delícias em fazer continuamente a corte a Jesus Cristo. Por isso, quando a buscavam, já se sabia que haviam de encontrá-la na igreja. Mas, tendo voltado seus pais a Florença, viu-se precisada a deixar aquela doce habitação. Custou muitas lágrimas a separação, tanto às religiosas como à menina; mas nada a afligiu mais que a resolução que tomaram seus pais de casá-la. Ainda que tinha só quinze anos, era já muito pretendida, ainda muito mais por sua virtude que por seus muitos bens, por sua nobreza e por sua formosura. Mas ficaram iguais todos os pretendentes, porque declarou a seus pais o voto que tinha feito de ser religiosa e de não admitir outro esposo que Jesus Cristo. Como aqueles eram muito virtuosos e sua vocação tinha tantas provas de verdadeira, não ocorreu embaraço que a detivesse. Deixou-se a seu arbítrio a eleição do convento, e preferiu o das carmelitas a todos os demais, precisamente porque comungavam todos os dias. Entrou, pois, no convento de Santa Maria dos Anjos no ano de 1582, quase aos dezesseis anos e meio de sua idade; e, passadas as primeiras provas, quando se julgava já em vésperas de tomar o hábito, foi levada outra vez à casa de seus pais, onde padeceu por três anos grandes e terríveis combates; mas, saindo vitoriosa de todos eles, restituíram-na ao convento. Logo que se viu nele, esqueceu inteiramente tudo o que cheirava a carne e sangue, deixando até o próprio nome de Catarina, que trocou no de Madalena; e, resolvida a não deixar-se ver de pessoa alguma de fora, fez do claustro seu sepulcro, enterrando-se em vida dentro dele.

Ao despojo universal de todos os bens exteriores acompanhou o sacrifício de sua própria vontade. Por longo e louvável que fosse o costume que tinha no mundo de fazer grandes penitências e passar muitas horas em oração, não deliberou um instante quando foi mister reduzir-se à vida comum das noviças; submeteu à regra todas as suas devoções particulares e fugiu cuidadosamente de toda singularidade. Nenhuma noviça começou a vida religiosa com maior fervor, e nenhuma em menos tempo fez maiores progressos. Em menos de seis meses era já uma

religiosa perfeita por sua devoção, por sua íntima união com Deus, por sua pontualidade e por sua mortificação. Desmaiava o fervor das mais anciãs à vista de sua virtude; e, não sendo mais que noviça, a todas a propunham por modelo para a imitação. Suspirava a cada instante pelo ditoso dia em que havia de consumar o sacrifício; apressou-se a cerimônia por uma grave enfermidade que a pôs às portas da morte. Professou, pois, no dia 27 de maio, festa da santíssima Trindade, e professou com tanta devoção e tão abrasada do divino amor que por muitas horas esteve arrebatada em êxtase. Este foi o prelúdio daquelas graças tão extraordinárias, daqueles arroubos tão frequentes com que Deus a favoreceu. Nos dois anos imediatos a sua profissão passavam-se poucos dias sem estar arrebatada por quatro e por seis horas em amorosos êxtases, o corpo imóvel, os olhos levantados ao céu ou cravados fixamente na imagem de um crucifixo, o rosto inflamado pelo fogo do divino amor, tão apacível e tão risonho que mostrava bem os deliciosos consolos em que se inundava sua alma. Nesta postura ouvia-se-lhe exclamar frequentemente: «Ó amor, ó divino amor! Será possível que as criaturas te conheçam e não te amem?» As contínuas lágrimas que vertiam seus olhos nestas ocasiões eram indícios de que seu coração ardia naquele divino fogo que veio o Salvador acender no mundo. Muitas vezes saía como fora de si correndo pelos corredores do convento e pelas ruas da horta, dizendo toda arrebatada com a esposa dos Cantares: «Buscando vou o que ama meu coração. Haveis visto o amado de minha alma? Não deixarei de buscá-lo até que o encontre.» E outras vezes exclamava: «Eu vivo, mas já não vivo eu; Jesus Cristo vive em mim.» Com dificuldade se terão visto efeitos mais sensíveis do amor de Deus que os que se notavam naquela alma feliz, sendo preciso muitas vezes obrigá-la a que tivesse metidas as mãos no gelo para temperar seus ardores.

Parece que o Senhor tinha suas delícias em instruí-la por si mesmo durante aquelas íntimas comunicações. Ao voltar um dia de um êxtase muito dilatado, ordenaram-lhe o confessor e a prelada que dissesse o que Deus lhe havia dado a entender naquele arroubo e que declarasse o que lhe havia ensinado. «Ensinou-me, disse, meu divino Mestre a guardar com um sumo cuidado e com uma extrema vigilância a pureza do coração e a santa simplicidade. Infundiu-me tão elevado conceito da virgindade que não acerto a explicá-lo com palavras. Ordenou-me que fizesse cada obra particular como se fosse a última de minha vida; que nunca indagasse o que faziam as demais, ocupando-me única e totalmente no que me tocava a mim; que conservasse sempre um humor inalterável, tratando com sumo agrado toda sorte de pessoas e que jamais me escapasse palavra alguma que cheirasse a lisonja nem a vaidade; que procurasse ardentemente servir a minhas irmãs, considerando-me como se fosse criada de todas; que fizesse infinito apreço até das regras mais miúdas, persuadida de que todas eram de suma importância e que na exata observância de todas elas consistia a perfeição religiosa; que jamais falasse dos favores que me fazia nem das coisas de meu interior senão com as pessoas que tinham a seu cargo minha direção; que nunca perdesse de vista a paixão de Jesus Cristo; e enfim que tivesse uma insaciável fome da divina Eucaristia, chegando-me cada dia com novo fervor à sagrada mesa e visitando todos os dias trinta e três vezes o santíssimo Sacramento, a menos que mo impedisse a obrigação da obediência.»

Disse um dia à prelada que lhe ordenava o Senhor que doravante só se mantivesse com pão e água; desaprovou a superiora esta singularidade e lhe ordenou que comesse o que comiam as demais: obedeceu a santa, mas desde então não lhe foi possível engolir nem um só bocado, e no restante de sua vida só se sustentou com o que Deus lhe havia ordenado. Conseguiu licença para

andar com os pés descalços e nunca se dispensou nesta penitência, por rigoroso que fosse o inverno. Apesar da delicadeza de seu corpo, consumido pelas contínuas enfermidades, dormia constantemente na dura terra, sem tirar jamais um áspero cilício e uma correntinha de ferro que trazia sempre cingida a seu inocente corpo.

Mas não foram estas mortificações as que mais lhe deram que padecer. Queria o Senhor purificar ainda aquela alma no fogo da tribulação e aumentar muito por este caminho seus merecimentos. Entregue por espaço de cinco anos às mais violentas tentações e às mais terríveis provas, parecia havê-la deixado seu divino esposo inteiramente à mercê do furor dos demônios. Cessaram de repente os contínuos favores com que o Senhor a regalava, tão esquecida, ao que parecia, deles como se jamais os houvesse recebido; achou-se seu espírito possuído de uma desolação, de uma aridez, de uma secura extrema: uma violência, um total desgosto a todos os exercícios de devoção; um tédio insuportável à oração; um levantamento geral de todas as paixões e de muitas muito humilhantes que até então havia ignorado; uma espécie de horror involuntário a sua vocação e um torvelinho de pensamentos terríveis, de imaginações angustiosas, tudo com tentações de blasfêmias e de desesperação, com dores universais e agudíssimas em todo o corpo; fantasmas horríveis que não lhe permitiam um instante de repouso, nem de dia nem de noite, sem intermissão e sem consolo; desolada, desprezada, abandonada, com razão se pode duvidar se era possível martírio mais cruel. Sustentava-a verdadeiramente a graça; mas mal se fazia sensível em tão doloroso estado. Com tudo isso em nada se desmentiu a si mesma a fidelíssima Madalena; depois de seu contínuo recurso a Deus, todo o seu consolo era sua confiança na santíssima Virgem. Viu-se-a muitas vezes, durante aqueles excessos de desolação e desamparo, correr apressada aos oratórios e capelas reservadas do convento e, desfazendo-se em lágrimas, abraçar-se estreitamente com alguma imagem ou estátua desta Senhora. Mas a prova maior da magnanimidade daquela alma foi o ouvi-la exclamar em meio de seus trabalhos: «Senhor, ainda que me seria tão doce a morte para livrar-me de tantos tormentos, não, meu Deus, não me deixeis morrer tão cedo para que se me dilate o padecer: *Non mori, sed pati.*»

Quanto mais cresciam suas penas, sua secura e suas angústias, mais pontual e mais exata era em todos os exercícios espirituais. Havia pedido e havia conseguido licença para fazer os mais baixos ofícios da casa e todos os fazia com a maior exatidão. Nem de dia nem de noite se apartava, quanto podia, da cabeceira das enfermas, servindo-as nas coisas mais humilhantes, e tinha particular gosto em ajudar as irmãs leigas em todas as ocupações correspondentes a seu humilde estado. Honrava e venerava tanto todas as monjas que muitas vezes se prostrava e beijava devotamente o chão onde elas haviam posto os pés. Parece que não podia ascender a mais alto grau a caridade, a mortificação e a humildade de nossa santa; pelo que talvez tampouco terá dispensado o Senhor a outra alma mais insignes favores.

Sucedeu a calma à tempestade, e a luz formosa e alegre às tristíssimas trevas. Apareceu-lhe o Senhor, acompanhando sua presença sensível com tão celestiais consolos que num instante lhe fizeram esquecer todos os tormentos passados. Desde ali em diante tudo foi êxtase, tudo excessos de amor, estando abrasada continuamente nele de um modo muito sensível. Sua grande máxima era esta: Amar a Deus e aborrecer-se a si mesma; e acrescentava: Nisto consiste a perfeição. Não obstante o ardente desejo que tinha de fazer grandes coisas por seu Deus, o Senhor lhe ordenou que no sucessivo fugisse de toda singularidade e se reduzisse em tudo à vida comum. Fê-lo; mas

ao mesmo tempo dava realce às obras mais ordinárias, fazendo-as por motivos tão puros e tão perfeitos que a cada instante crescia em graça e em merecimentos. Exclamava frequentemente na oração e em seus ordinários êxtases: «Quem me separará do amor de Jesus Cristo [^1]? A tribulação, a tentação, as angústias? Todas as coisas do mundo me parecem esterco, por ganhar a Jesus Cristo. O Senhor me ensina com suas lições e vela por minha conversão [^2]; quem me poderá fazer dano?» Arrebatada um dia nestes extáticos excessos, correu acelerada a um altar da santíssima Virgem, inflamado o rosto por aquele celestial fogo que abrasava seu coração; e, prostrada em terra, fez esta terna oração: «Puríssima Virgem, Mãe de Deus, eu me ofereço e me sacrifico toda a vós para sempre e sem reserva; desde este dia em diante vós sereis minha mãe; depois de Deus em vós ponho toda a minha confiança; dignai-vos olhar-me como a menor de vossas filhas; nem por isso deixarei de ser a menor de vossas humildes servas. Jesus e Maria, este é todo o meu tesouro e todo o meu consolo.»

Nenhuma religiosa teve maior nem mais justo conceito da felicidade do estado religioso; beijava muitas vezes ao dia as paredes do convento e dizia que, se se conhecessem bem a doçura, a felicidade e as vantagens da religião, despovoar-se-ia o século. Devorava-a o zelo da salvação das almas; todos os dias fazia oração e várias penitências pela conversão dos pecadores; mas a quaresma com especialidade era para ela o tempo das lágrimas e do martírio.

Ainda que tão jovem e sempre enfermiça, encomendaram-lhe os principais ofícios da casa; foi por muito tempo diretora das jovens professas e noviças e por fim superiora da comunidade por eleição de toda ela. Não se pode dignamente admirar a vigilância, a exatidão, a discrição, a suavidade e a caridade com que desempenhava as obrigações de tão diferentes empregos; fazendo conhecer a todos que reina muito cedo numa comunidade religiosa o fervor e a observância quando os que a governam mandam mais com o exemplo que com as palavras. Sendo os superiores santos, tudo vai bem nos conventos.

Favoreceu o Senhor a sua serva com os dons mais singulares; teve o de milagres e o de profecia. Logo que expirou em Roma São Luís Gonzaga, da Companhia de Jesus, viu Madalena num êxtase o sublime grau de glória que gozava no céu.

Entretanto iam crescendo cada dia suas dores e suas enfermidades, sem que se pudesse compreender como um corpo tão delicado podia resistir a tantos males. Aumentou-se a violência na derradeira enfermidade; padecia excessivas dores em todo o corpo, sem que com nenhum remédio pudesse receber o menor alívio. «Espero morrer na cruz (dizia ela) a exemplo de meu divino Salvador. Certo que seria boa graça o que descesse dela!», dizia a uma monja que queria consolá-la. Somente quando recebia a divina Eucaristia se lhe aliviavam por alguns instantes suas vivas dores; mas em meio delas nunca perdeu sua apacibilidade, sua tranquilidade nem sua paciência. Consumida enfim aquela bem-aventurada vítima, mais pela força dos incêndios do divino amor que pelo rigor da enfermidade, rendeu o espírito a seu Criador, para receber o grande prêmio que lhe estava destinado, no dia 25 de maio do ano de 1607, aos quarenta e um de sua idade, depois de haver vivido vinte e cinco no mosteiro.

Imediatamente depois de sua morte deu o céu grandes sinais da glória que gozava, não só pelos muitos milagres que obrou e está obrando ainda hoje em seu sepulcro, mas pela incorruptibilidade

do santo corpo, que passou a ser objeto da pública veneração, principalmente desde que Urbano VIII a beatificou no ano de 1626 e que Alexandre VII a pôs solenemente no catálogo dos santos no de 1669 [^3], com as cerimônias costumadas.

Martirológio Romano

Em Salerno, o trânsito de São Gregório, papa, sétimo deste nome, zeloso e firme defensor das liberdades da Igreja.

Em Florença, Santa Maria Madalena, virgem, da ordem das Carmelitas, ilustre por sua regular e santa vida; sua festa se celebra no dia vinte e sete deste mês.

Em Roma, na via Nomentana, a festa de São Urbano, papa e mártir, que com suas exortações e doutrina levou muitas pessoas, entre outras Tibúrcio e Valeriano, a abraçar a fé de Jesus Cristo e a sofrer o martírio por sustentar sua verdade. O mesmo santo, depois de haver padecido muito pela Igreja de Deus na perseguição do imperador Alexandre Severo, tendo-lhe cortado a cabeça, alcançou a coroa do martírio.

Em Dorostoro, na Mísia, a festa dos santos Pasícrates, Valêncio e outros dois, coroados juntamente.

Em Milão, São Dionísio, bispo, que morreu na Capadócia, aonde o havia desterrado, por professar a fé católica, o imperador ariano Constâncio, com uma morte semelhante ao martírio: seu santo corpo foi enviado pelo bispo Aurélio a Santo Ambrósio, bispo de Milão, e ainda se diz que nesta trasladação teve parte São Basílio.

Em Roma, São Bonifácio, papa, quarto deste nome, que dedicou o Panteão em honra de Santa Maria dos Mártires.

Em Florença, São Zenóbio, bispo desta cidade, célebre pela santidade de sua vida e pela glória de seus milagres.

Na Inglaterra, Santo Aldelmo, bispo de Sherborne.

Na diocese de Troyes, São Lié, confessor.

Em Assis, na Úmbria, a trasladação de São Francisco, confessor, no tempo de Gregório IX.

Em Veroli, na campanha de Roma, a trasladação de Santa Maria, mãe de Tiago, cujo corpo é esclarecido por seus muitos milagres.

Missa (oração)

A missa é do comum das virgens, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, virginitatis amator, qui beatam Mariam Magdalenam virginem, tuo amore succensam, cœlestibus donis decorasti: da, ut quam festiva celebritate veneramur, puritate et charitate imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, amador da virgindade, que adornastes com dons celestiais a bem-aventurada virgem Maria Madalena, acesa no fogo de vosso divino amor, concedei-nos que imitemos no amor e na pureza a que hoje celebramos com tanta solenidade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«No ano 57 de Cristo escreveu São Paulo na Macedônia esta carta aos fiéis de Corinto, como já temos dito, e a remeteu por Tito e por São Lucas, aos quais se juntou Apolônio, enviado por São Paulo para receber as esmolas que haviam dado a Timóteo os de Corinto.»

Reflexões

Não o que se recomenda a si mesmo merece ser aprovado, mas aquele a quem Deus recomenda. Nenhuma coisa acredita mais o limitado entendimento de um homem e seu pouco ou nenhum mérito que o louvar-se a si mesmo; vaidade tão grosseira que faz sumamente desprezível o que pretende fazer-se estimar por ela. A verdadeira virtude, o verdadeiro mérito aborrece os louvores; não se apascenta com ar nem com lisonjas forasteiras; alimenta-se, por assim dizer, com seu próprio suco.

É a vaidade uma paixão muito néscia; a todos se faz odiosa, mas nunca enfada mais que quando se disfarça com máscara de piedade e procura familiarizar-se com a devoção. O orgulho mais astuto e mais sutil sabe talvez cobrir-se com os andrajos da humildade; arremeda o ar e o tom desta virtude, prevalece-se e se sustenta com seus privilégios. Nenhum vício faz representar tantos papéis; não há virtude que deva fiar-se dele e apenas há outro de quem menos se desconfie. A virtude sozinha parece muito insípida ao que só tem a casca; o orgulho é o sal que a tempera.

Somos devotos com gosto enquanto tiramos da devoção algum proveito; por mais que se diga que só se busca a glória de Deus, nunca perdemos de vista a nossa. Aquelas obras de caridade que nos dão mais estimação, por penosas que sejam, essas são as que se nos fazem mais fáceis; pelo menos essas só são as que sempre se julgam indispensáveis. Enquanto a virtude é aplaudida, nada se faz difícil em seu exercício; toda a dificuldade está naquilo que se pratica às escuras e em segredo. Coisa estranha! Aqueles mesmos que escrevem melhor contra a vaidade nem sempre são os que estão mais isentos dela. Não poucas vezes o orgulho peleja contra o orgulho; comunica-se este veneno até a seu mesmo antídoto; algumas vezes no mesmo exercício da humildade se esconde o orgulho.

Diz-se que nada se faz nem se pretende fazer por ostentação; mas ao mesmo tempo não desgosta que se veja a boa obra que se faz. Quer-se ocultar (pelo menos assim se diz) o pouco bom que se faz; mas facilmente se perdoa aos que o publicam. A ação fatiga, mas lisonjeia, especialmente quando os muitos que nos buscam acreditam nisto mesmo sua confiança e a estimação que fazem de nós. Sente-se uma secreta complacência em parecer homem necessário. Será Deus o único objeto, o único motivo de tantas fadigas? Na verdade parece que se lhe dá a propriedade; mas se reserva o usufruto. Acompanha-nos o orgulho até na vitória do próprio orgulho; com tudo se mantém, com tudo se sustenta; até a mesma humildade lhe serve de alimento. Fala-se de si mesmo com desprezo; mas bem entendido que as mesmas expressões de abatimento que se usam devem reputar-se por outro novo mérito; por isso não se olha com bons olhos os que creem nossa humilde confissão sem muita dificuldade. A falsa modéstia é o refinamento mais subido da vaidade, a qual algumas vezes chega a fazer-se passar pela virtude que é mais contrária a ela. Numa palavra, desejam os homens ser tidos por humildes, mas sem sê-lo; aqueles que verdadeiramente o são não fazem alarde disso e até se afligem de que os tenham por tais. *Qui gloriatur, in Domino glorietur:* o que se gloria, glorie-se no Senhor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. 10 E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. 11 E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. 12 Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. 13 Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Do desprezo das coisas pequenas

Primeiro ponto

Considera que apenas há erro mais pernicioso e, com tudo isso, apenas há outro mais comum que temer pouco as faltas pequenas e fazer pouco caso das obrigações miúdas. A delicadeza de consciência costuma reputar-se por certo vão temor de uma alma pusilânime; e a escrupulosa pontualidade nas coisas pequenas se tem por prova de um talento muito limitado. Diz-se que um entendimento despejado perde de vista estas miudezas e que a verdadeira virtude nunca dependeu de um cúmulo de miúdas observâncias que envilecem o ânimo, fazem tedioso e até grosseiro o comércio da vida e, longe de fomentar a devoção, a descarnam e a ressecam. Sobre este falso princípio cede-se em tudo ao amor-próprio, condescende-se com as paixões, lisonjeiam-se os sentidos e foge-se de toda servidão. Esperam as virgens o esposo, mas descuidam-se de prover suas lâmpadas porque não pensam que há de vir tão cedo. Seu descuido não parece muito grave; mas, bom Deus, que consequências não se seguiram dele! Não quis nem sequer vê-las o esposo celestial. Diz-se que não é coisa de importância uma faltinha, uma regra de pouca monta, uma ligeira inspiração; que não pode importar muito o desprezá-la. Mas quê! Pode haver coisa pequena desde que tem relação com um Deus tão grande e quando se trata nada menos que de agradá-lo ou desagradá-lo? Desagradar um pouco a Deus será pouco com respeito a nós? Não há coisa pequena em tudo o que pode contribuir para um negócio tão grande como o de nossa salvação ou nossa perfeição; não há coisa pequena em tudo o que nos pode fazer ganhar ou perder um grau de glória eterna. Não é pequena coisa ser constantemente fiel nas coisas mais pequenas; é prova de grande amor querer dar gosto em tudo à pessoa que se ama e fugir de desagradá-la na mais mínima coisa. Não querer dar gosto a Deus senão nas matérias graves, contentar-se com guardar seus mandamentos, é prova de que se o teme muito, mas também o é de que se o ama pouco. Teme-se o inferno com um temor servil quando só se pensa em guardar os mandamentos e em tudo o mais não se repara em desgostar a Deus. Mas, se não houvesse inferno, guardariam os mandamentos estes servos infiéis e covardes? Meu Deus, e quantos se encontrarão destes que só vos temiam com um temor servil quando, tirada a máscara e o disfarce, se apresentem em vosso tribunal!

Segundo ponto

Considera que se enganam enormemente todos aqueles que pensam guardar tudo o que é essencial para a salvação, ainda que façam pouco caso das obrigações pequenas. *O que é infiel nas coisas pequenas também o será nas grandes,* diz o oráculo da verdade, o mesmo Jesus Cristo. Tu dizes que, ainda que sejas pouco observante e pouco exato, não faltarás ao essencial; e Jesus Cristo diz o contrário. Uma fluxão, por ligeira que seja, se é contínua, debilita a vista. Quando habitualmente se cometem muitas faltas ligeiras, é de temer que se passe sem reparo por cima de muitas graves. Os mais furiosos incêndios muitas vezes têm princípio numa faísca, numa fagulha que se desprezou e não se apagou. Ao mais sólido edifício, diz o Sábio, lança por terra uma goteira se não se remedeia a tempo; a água vai pouco a pouco apodrecendo as madeiras, comunica-se às paredes, cala até os alicerces, abranda-os, solapa-os, remove-os e dá em terra o edifício.

Saul, estreitado ao parecer pela necessidade, não espera que chegue Samuel para oferecer o sacrifício: falta na aparência ligeira e que nas circunstâncias parecia muito escusável; contudo ela mudou o coração de Deus com respeito a Saul e foi o princípio de sua reprovação. Que consequências tão funestas teve uma curiosidade inconsiderada de Davi? Os pequenos furtos e a pouca fidelidade de Judas em interesses de não muita importância foram fomentando sua avareza até que por fim veio a vender seu Mestre e a enforcar-se ele mesmo confuso e desesperado. Minha falta, dizes, foi uma ninharia: por isso mesmo te custava menos o ser fiel; por isso mesmo és mais culpado em não havê-lo sido. A dificuldade das coisas que se nos mandam pode servir de pretexto a nossa fraqueza; mas, quando são fáceis, que escusa podemos alegar? *Ainda que o profeta,* diziam os criados a seu amo Naamã, *vos houvesse ordenado uma coisa muito árdua, devêreis pô-la em execução por amor a vossa saúde; mas, sendo tão fácil a que vos prescreveu, como banhar-vos sete vezes no Jordão, não seria grande imprudência omiti-la?* Certamente, depois de tanto como Jesus Cristo fez e padeceu por nós, ainda que nos mandasse as coisas mais grandes e mais dificultosas, poderíamos negar-nos a executá-las sem incorrer na mais odiosa ingratidão? Com tudo isso, quase tudo o que nos manda é sumamente fácil e de tão pouca consideração em si mesmo que não nos atreveríamos a negá-lo a um amigo, a um parente, a um estranho, a um homem de autoridade; e contudo falta pouco para que façamos vaidade de não o conceder a Jesus Cristo.

Ah, Senhor, e como se lhe representará na hora da morte a um cristão, a um religioso, esta negligência habitual! Que responderei eu, divino Mestre meu, quando me derdes em rosto com minha ingratidão, com meu descuido, com minha pouca fidelidade nas coisas pequenas, quando todos os dias as espero e as recebo tão grandes de vossa misericórdia? Fazei, Senhor, que esta minha presente confusão me sirva para ser daqui em diante mais fiel, mais exato e mais agradecido.

Jaculatórias

> *In toto corde meo exquisivi te: ne repellas me a mandatis tuis.* Sl 118.

Desejo, Senhor, agradar-vos com todo o meu coração; não permitais que me separe jamais de vossa divina vontade nem na mais mínima coisa.

> *Da mihi intellectum, et scrutabor legem tuam, et custodiam illam in toto corde meo.* Sl 118.

Abri-me, Senhor, os olhos para conhecer tudo aquilo que vos agrada, e com toda a alma me dedicarei a dar-vos gosto até na menor de todas as minhas obrigações.

Propósitos

1. Nenhuma coisa prejudica tanto a salvação como o descuido nas coisas pequenas: deste princípio nascem as mais funestas quedas e nesta infidelidade tem sua origem a tibieza; mal tanto mais temível quanto é menos temido. Não é nada, diz-se, uma falta tão ligeira; algum dia se saberá de quanta consequência foi esta falta. Tampouco parecia nada, ou quando muito um pouco de curiosidade, voltar a cabeça para ver como se abrasava uma cidade com fogo do céu; pois essa curiosidade custou a vida à mulher de Ló, castigada de um modo tão estranho como visível. Desprezar as coisas pequenas é estar desagradando a Deus continuamente, desobedecendo-lhe a todas as horas nas matérias mais fáceis; é negar-lhe o que sem dificuldade se concederia a um amigo ou a qualquer homem de alguma distinção; é, falando a rigor, ser-lhe infiel todos os dias e todo o dia. Pois examina agora quais são aquelas leves obrigações de teu estado que desatendes com maior frequência; quais as regras que mais costumas quebrantar, com pretexto de que não obrigam sob pena de pecado e que são regras de pouca consideração. Lembra-te de que não há coisa pequena quando se trata de servir a Deus; tudo é respeitável, tudo é grande quando Sua Majestade o manda; sua vontade dá um sumo valor, uma suma estimação a tudo. Forma sempre um superior conceito de todas as obrigações, de todos os exercícios espirituais, de todas as regras, de todos os costumes e usos santos da religião.

2. Se tens já determinado certo método de vida, se teu diretor te há regulado certos exercícios espirituais, certas penitências, certas devoções, guarda-te bem de faltar voluntariamente a elas; em nenhuma te dispenses sem justo motivo, com pretexto de parecer-te miudeza. Grande modéstia dos olhos na igreja, constante apacibilidade dentro de tua casa, pontualidade inalterável em levantar-te pela manhã sempre à mesma hora, escrupulosa delicadeza de consciência em evitar até a mais mínima mentira oficiosa, uma palavra que ofenda a caridade; exatidão no jejum, sem sustentá-lo com muletas escusadas. Se tu mesmo te impuseste algumas regras para teu governo, sê exato em observá-las; sê rígido em castigar-te sua transgressão e nada te deixes passar em matéria de moral. Estas miudezas espirituais fomentam a devoção e contribuem maravilhosamente para fazer santos.

[^1]: Rm 8,35. A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota («Rom. 8.») aparece deslocado, no meio do parágrafo. [^2]: O texto da nota correspondente a esta chamada aparece truncado no OCR («Philip.» sem capítulo); pelo contexto (esterco, «ganhar a Jesus Cristo») trata-se de Fl 3,8. [^3]: Tal como no original (Alexandre VII). Segundo os dados históricos correntes, a canonização de Santa Maria Madalena de Pazzi foi proclamada em 1669, por Clemente IX.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:34 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:34 by Admin